



Luteranismo e escolarização: entrevista com João Klug¹

*Lutheranism and schooling:
interview with João Klug*

*Luteranismo y escolarización:
entrevista con João Klug*

por Norberto Dallabrida²

Neste ano de 2017, o mundo ocidental está celebrando, especialmente por meio de publicações, congressos e documentários, o quinto centenário do ato rebelde de Martinho Lutero de afixar as 95 teses teológicas na Igreja do Castelo de Wittenberg, contestando a ortodoxia católica. Trata-se do fato que desencadeou a ruptura com o Vaticano, ensejando a criação da Igreja Luterana e, posteriormente, de outras igrejas protestantes como o calvinismo e o anglicanismo. O chamado cisma moderno fragmentou o espaço europeu, de forma que, grosso modo, o norte tornou-se protestante, enquanto o sul permaneceu católico. As reformas religiosas operaram um deslocamento – no sentido foucaultiano – na história europeia/ocidental, de sorte que as teologias em conflito provocaram confrontos como as guerras de religião, que se estenderam até a Paz de Westfália (1648), e reformatação em diversas dimensões da vida social, construindo a primeira modernidade. Nesta direção, no campo econômico, vem à mente a obra clássica “A Ética protestante e o espírito do capitalismo”, de Max Weber.

Por defender que as Escrituras tinham mais autoridade do que a tradição da Igreja Católica (*Sola Scriptura*), Martinho Lutero passou a defender a leitura do texto bíblico pelos fiéis – feita anteriormente somente pela mediação do clero. A necessidade de conhecer a Bíblia implicou no aprendizado de leitura, o que provocou uma grande onda de alfabetização nas áreas

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, com dois estágios de pós-doutorados realizados na Universidade Livre de Berlim. Professor Titular da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: joaoklug@yahoo.com.br

² Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, estágio de pós-doutorado concluído na *Université René Descartes* (Paris V) e *Universidad de Alcalá*. Professor na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Pesquisador do CNPq. E-mail: norbertodallabrida@hotmail.com

luteranas e protestantes. Assim, diferenciando-se do cristianismo medieval, luteranos, calvinistas e anglicanos investiram na criação de suas redes de instituições educativas, formando um movimento inédito de alfabetização, que concorria para dar consistência às práticas religiosas de seus fiéis. A Igreja Católica também se armou, criando escolas paroquiais e, sobretudo, uma rede de colégios jesuíticos que se difundiu no espaço europeu católico, no continente asiático e no Novo Mundo. As igrejas reformadas, portanto, proporcionaram o nascimento da escolarização ocidental, cuja “maquinaria escolar” será nacionalizada e laicizada pelos sistemas públicos de ensino.

Devido à comemoração dos 500 anos da publicação das 95 teses de Lutero, a presente entrevista dá foco à teologia luterana e ao seu impacto no campo escolar. O entrevistado, doutor em História Social pela USP e professor na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), é um experimentado especialista em luteranismo. Assim, a sua dissertação de mestrado foi transformada no livro “Imigração e luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro-Florianópolis” (Papa-Livro, 1994) e a sua tese de doutorado, defendida em 1997, tem como título “A escola teuto-brasileira e o processo de modernização em Santa Catarina: a ação da Igreja Luterana através das escolas (1871-1938)”. E, a sua pesquisa institucional nas últimas décadas, realizada entre a UFSC e universidades alemãs, procura aprofundar investigações históricas sobre o luteranismo no Estado de Santa Catarina.

* * *

Norberto Dallabrida – No presente ano está sendo comemorado o quinto centenário da publicação das 95 teses, na igreja do castelo de Wittenberg, por Martinho Lutero, fato que desencadeou as reformas religiosas no continente europeu. Como pesquisador que tem participado em vários eventos científicos em torno de Lutero e sua época, qual a sua leitura sobre a atual comemoração das reformas religiosas? Quais temas estão emergindo nesse debate?

João Klug – É notório que jubileus, comemoração de efemérides, tendem a escamotear a reflexão crítica sobre o evento que está sendo lembrado. A comemoração, portanto, deve ser acompanhada da reflexão séria, evitando, dessa forma, que resulte numa simples apologia. Em relação a figura de Martinho Lutero e a reforma do século XVI, as comemorações em vários países correm este risco.

Tenho percebido, no entanto, que há sim, um discurso que revela a preocupação em não cair neste extremo. Claro que a pergunta a ser feita é: em que contexto o assunto está sendo tratado? No ambiente acadêmico (universidades, institutos de pesquisa) ou no ambiente eclesiástico do protestantismo histórico? No ambiente acadêmico, muitas coisas têm vindo à tona, ajudando a elucidar uma série de aspectos relativos a história do século XVI. O assunto tem sido abordado a partir de uma série de holofotes interrogativos. Em maio último estive em Berlim participando de um grande evento relativo ao cinquentenário da Reforma (com mais de 200 mil participantes) e chamou-me a atenção a diversidade de temas tratados, tendo sempre a Reforma como pano de fundo, mas com objetivo claro de entender a conformação e o perfil da sociedade europeia contemporânea. Com este objetivo, seminários, mesas redondas, conferências, etc. abordavam temas tais como: a reforma e a educação, reforma e economia, reforma e a música, reforma e as artes plásticas, reforma e política, reforma, sustentabilidade e

a questão ambiental, reforma e a questão camponesa, etc. etc A releitura da reforma foi feita (neste grande evento de Berlim), no entanto, sempre partindo de temas presentes e de uma forma muito interdisciplinar, envolvendo teólogos, politólogos, historiadores, antropólogos, economistas, etc. O resultado é que o assunto tem recebido abordagens oriundas das mais diversas áreas do conhecimento, significando uma compreensão mais ampla, ultrapassando a abordagem essencialmente eclesial. A teologia e os teólogos têm dialogado de maneira franca com as outras áreas do conhecimento.

Destaco que também na esfera das igrejas oriundas da reforma, o momento tem sido oportuno para se repensar a herança da reforma, o que continua presente, o que foi esquecido e precisa ser recuperado. Este balanço feito no campo das igrejas tem sido visto como uma espécie de dádiva e oportunidade. Dádiva em função da base teológica lançada a partir do século XVI e oportunidade, levando em conta a necessidade de ir além da comemoração, necessidade de se repensar a prática destas igrejas no mundo contemporâneo, especialmente no mundo dito evangélico, onde as identidades são fluídas e sem uma espinha dorsal clara.

Tenho percebido que o grande desafio das “igrejas da reforma” é repensar as suas práticas, a sua ação, sem abrir mão das bases teológicas lançadas especialmente no século XVI. Verifica-se, também, um tipo de discurso que chama a atenção para a necessidade de se utilizar o jubileu, justamente para reafirmar identidades.

No continente europeu é notório que o grande tema que ocupa a agenda, também das atividades relativas aos quinhentos anos da reforma, diz respeito ao imigrante, ao outro, ao diferente. Em resumo, a reforma também tem ajudado na reflexão em torno da alteridade, a partir da pergunta: como “cristãos da reforma”, de que maneira temos visto o outro, o estrangeiro, e como temos tratado as diferenças. Neste aspecto, verifica-se que não há unanimidade, ao contrário, as posições às vezes são antagônicas e conflituosas. Parece-me que quando se aborda este tema, a reforma não tem conseguido lançar luzes suficientes para ajudar a clareá-lo, mas tem suscitado importante debate.

ND – Historiadores como Inés Dussel e Marcelo Caruso afirmam que as reformas religiosas atuaram como parceiras da escola moderna. Como você vê a relação entre a nascente teologia luterana e o investimento na educação escolar.

JK - Concordo plenamente com os autores mencionados, os quais apontam para a relação entre Reforma e a escola moderna. No que diz respeito ao luteranismo isto é, ainda, mais evidente. A Reforma de Lutero preconizava quatro pilares básicos:

1. *Sola Scriptura* (Somente a Escritura)
2. *Solus Christus* (Somente Cristo)
3. *Sola Fide* (Somente a fé)
4. *Sola Gratia* (Somente a Graça)

Levando em conta estes aspectos, os quais denomino de “pilares da Reforma”, ficava claro que a autoridade das Escrituras devia estar acima da autoridade e das tradições da igreja e da autoridade do papa. Se as Escrituras (Bíblia) passam a ter autoridade máxima nos assuntos de fé, fundamental é que os fiéis pudessem ter acesso às Escrituras, ou, simplesmente, que pudessem ler e compreender a Bíblia. Considerando que estamos tratando do início do século XVI, é necessário levar em conta que a grande maioria da população era analfabeta. Como, então, ler a Bíblia?

A partir da constatação desta carência, evidencia-se a necessidade de investimento maciço em escolas. A escolaridade é, então, fundamental para esta nova religiosidade, pois trata-se de uma fase na qual a religião de imagens é substituída por uma religião de texto. Como uma religião de texto poderia sobreviver num mundo de analfabetos? Religião de texto exige o hábito da leitura, em primeiro lugar, da Bíblia. Assim, a educação formal, escolar, passa a ser uma necessidade.

Neste contexto, em 1524 Lutero escreve um livreto, uma espécie de “circular” (“Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha, para que se Criem e Mantenham Escolas”), endereçada a todos os burgomestres e conselhos (equivalente a prefeitos e câmara de vereadores) da Alemanha. Neste texto Lutero chama atenção para a necessidade de investir em escolas para que todas as crianças/jovens (não só para meninos) pudessem ser educados e não apenas aqueles oriundos de famílias abastadas, com condições de pagar preceptores. O argumento de Lutero é que a maior riqueza de uma cidade é ter bons cidadãos, bem educados, que zelem pela ética, justiça e o bem viver em comunidade, portanto, o maior investimento de uma cidade deveria recair sobre a educação. Este investimento deveria, segundo Lutero, ser maior que o investimento em armamentos, pontes, muralhas, diques e outras obras. Chega a afirmar que negligenciar a educação a uma criança é tão pecaminoso quanto violentar uma virgem.

Várias foram as cidades que acataram o desafio de estabelecer escolas e popularizar a educação, no entanto, outro problema foi detectado. Era necessário convencer os pais a enviar seus filhos à escola. Isto não era, ainda, uma prática corrente. Assim, em 1530, Lutero escreve outro texto sobre o assunto, intitulado “Sermão para que se Mandem os Filhos à Escola”. Concretamente, isto abriu caminho para a disseminação do ginásio humanista cristão, primeiro nos estados alemães e, depois, em maior ou menor medida, em toda Europa. O que estava em jogo? A religiosidade (religião de texto) e, seguindo a máxima da Reforma do século XVI, esta só seria viável se os fiéis dominassem a leitura da Bíblia. Desta forma, foram constituídas centenas de escolas comunitárias e igreja e escola viveram um profundo comensalismo institucional. Dessa forma, as comunidades suprimam a ausência do estado, no que diz respeito, especialmente as escolas rurais. O estado foi ausente durante dezenas de anos e quando repentinamente se fez presente, o fez de forma truculenta, impondo o processo de nacionalização, que implicou no fechamento da grande maioria destas escolas.

ND – “Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha, para que se Criem e Mantenham Escolas” é, de fato, o documento fundador da proposta de universalização da escolarização luterana. No entanto, pergunto se esse documento fazia diferenças no processo de alfabetização entre adultos e crianças ou entre homens e mulheres. Ou seja, todos aprendiam os mesmos conteúdos e com o mesmo método? Todos aprendiam a ler e a escrever?

JK - Chamo atenção para o fato de ser escrito por um teólogo e não um pedagogo. Lutero deixa bem claro que se trata de uma proposta que pretende ser operacional e sem grandes considerações teóricas. Para ele era fundamental que as crianças fossem alfabetizadas e soubessem ler e escrever. É um texto que preconiza a educação de crianças de ambos os sexos e não de adultos.

Apesar de deixar claro que não é nenhum “entendido” em educação, Lutero chama a atenção no sentido de que a escolarização devia ser feita sem castigos ou sofrimentos. A criança deveria ter prazer em aprender. Preconiza, portanto, que neste processo se faça uso de brincadeiras, música, jogos, dança etc. Quanto ao conteúdo, sim, pode-se afirmar que era o mesmo e, conforme mencionei anteriormente, havia muita resistência por parte dos pais em enviar as crianças à escola, especialmente aquelas crianças que já pudessem contribuir de alguma forma no trabalho doméstico. Diante disto, posso afirmar que não era assim que todos aprendiam a ler e escrever. Analisando outras fontes, se percebe que em alguns lugares, os pais foram coagidos a força para enviar seus filhos à escola.

ND – O texto de Lutero intitulado “Sermão para que se Mandem os Filhos à Escola” e a pressão social da Igreja Luterana provocou uma inédita e grande onda de escolarização em boa parte dos estados germânicos e na Europa do Norte. Você poderia avaliar melhor esse pioneirismo luterano na escolarização de crianças, distinguindo diferentes tipos de escolas criadas como aquela de ler-escrever-contar e o ginásio humanista.

JK – Essa “onda de escolarização”, como você coloca, se deve a uma concepção de vocação, a qual passa da esfera religiosa para a esfera secular. O serviço prestado a Deus, a vivência da fé cristã não ocorre no âmbito religioso da igreja, mas no mundo, na sociedade, no trabalho, na família. Afinal, o mundo secular é ordem divina. Para que o cristão pudesse viver a sua vocação (e todos teriam uma vocação), seria fundamental que a escola instrumentalizasse este indivíduo através do aprendizado de um ofício, por meio do qual o cristão pudesse proporcionar um mundo melhor, onde a vida pudesse ser melhor vivida em comunidade. Em resumo, eu diria que esta escola de ler-escrever-contar, tinha nesta prática o objetivo a formação de bons cidadãos que soubessem viver decentemente e respeitosamente, contribuindo para o bem viver em sua comunidade, cidade e Estado.

O Ginásio Humanista é um desdobramento desta escola. Os professores deveriam observar os seus alunos. Aqueles com capacidade intelectual muito acima da média, deveriam ser encaminhados para a universidade, passando primeiro pela formação de um ginásio humanista.

Esse modelo, aliás, marcou os países protestantes, com ênfase em cursos profissionalizantes em todos os níveis. É a preparação para o exercício da vocação, isto é, uma profissão prática, técnica, através da qual o indivíduo deve servir a Deus no mundo. As universidades seriam instituições voltadas quase que exclusivamente para a pesquisa, gerando conhecimento.

ND – Levando em conta que o mapa da Europa tinha outro desenho daquele que conhecemos atualmente (pós-Guerra Fria), você poderia precisar as áreas europeias tomadas por essa onda de religião e escolarização luterana.

JK – Dentro da atual Alemanha (lembrando que a unificação só ocorreu em 1871, portanto, até lá não havia um sentimento nacional alemão), começou pelos estados da Saxônia, Turíngia e se estendeu para a Alemanha central e do norte. Na Baviera ao sul, só bem mais tarde, pois foi (e continua sendo), um reduto do catolicismo alemão. Em resumo: Alemanha, Suíça, Noruega, Finlândia, Suécia, Dinamarca e Holanda.

ND – O binômio igreja-escola estabeleceu-se também em área de colonização germânica e luterana no Brasil a partir do século XIX. Como especialista em luteranismo, você poderia analisar esse processo histórico.

JK – As escolas nas colônias alemãs foram fundamentais para a confessionalidade luterana. Via de regra, à medida que as colônias eram instaladas, a escola e não a igreja, era o primeiro “edifício” comunitário. A escola era um espaço onde, além das aulas, também se discutia a vida da comunidade. Era, portanto, o espaço central da vida da comunidade – e aos domingos, servia como templo onde se realizava o culto. A construção de templos foi, portanto, algo secundário e bem posterior as escolas. É lapidar a afirmação atribuída a Ottokar Doerfel, um dos líderes da comuna Dona Francisca (Joinville) em 1851: *Wo die Schule fehlt kann die Kirche nicht machen* ou, “Onde falta a escola, a igreja não pode fazer nada”.

Para entender esta íntima relação entre escola e igreja, eu costumo tomar de empréstimo um conceito da biologia: comensalismo. Estou convencido de que nas colônias alemãs onde o luteranismo estava presente, instalou-se um comensalismo institucional, onde escola beneficiava a igreja e igreja beneficiava a escola. O que afetava uma, também repercutia na outra.

É notório que muitos pastores que vinham da Alemanha, rapidamente perceberam que sua principal ação devia ser pedagógica, antes de ser teológica. Vários deles assim se expressam nos relatórios que enviavam à igreja na Alemanha, manifestando que a ênfase (Schwerpunkt) do seu trabalho seria dado a escolarização e muitos deles foram mais professores do que pastores.

Era a clara constatação de que sem escola, o indivíduo não estaria apto à leitura e sem leitura da bíblia o luteranismo estaria fadado a morrer por inanição nas áreas coloniais no sul do Brasil.

ND - Na sua tese de doutorado, você estabelece uma periodização e uma diferenciação das escolas luteranas no Estado de Santa Catarina. Discorra sobre esses dois aspectos, que certamente valem para o sul do Brasil, marcado pelas colônias de povoamento.

JK – Sim, verificava-se uma diferenciação nas escolas alemãs e o que determinava a diferença era a localização destas escolas. As escolas urbanas eram minoria e se localizavam na sede do município. Eram escolas com uma considerável estrutura, também em termos de corpo docente, o qual normalmente vinha da Alemanha, com formação específica e contavam com bom material didático. Verificava-se, também, um segundo grupo, chamado simplesmente de “escolas coloniais” e se localizavam na sede da colônia ou em pontos estratégicos, tais como na confluência de estradas, próximas as casas de comércio (vendas) e eram frequentadas por um número considerável de alunos, no entanto, numa única sala.

Por fim, existiam as pequenas escolas, também chamadas de “escolas de picada” (*Pikadenschulle*), as quais não contavam com professores com formação, nem com material didático. Nestas escolas, atuavam como professor(a), alguém da comunidade que exercia a função para suprir a carência. As vezes funcionava na casa de alguém da comunidade, quando não havia ainda nenhum espaço próprio.

Em relação a periodização, isto se relaciona basicamente a datas relativas a história alemã, isto é, antes ou depois da unificação do reino alemão (1871). Após a unificação, cresceu o sentimento de manutenção da germanidade no exterior e foram criados grupos em várias cidades alemãs (as cidades maiores) que arrecadavam recursos para fundar ou manter escolas no exterior, pagar professores, enviar material didático etc. Antes de 1871 não havia este tipo de apoio.

ND – O *Kulturkampf*, movimento cultural iniciado pelo Chanceler Otto von Bismarck, teve impacto no sistema escolar luterano na Alemanha? E teve ressonância nas escolas luteranas localizadas no Brasil?

JK – Sim, no entanto, não de forma aberta e direta. É sabido que Bismarck não via com bons olhos a saída de alemães da Alemanha. Aliás, fazia críticas a imigração, o que considerava “abandono da pátria mãe”.

É sabido, também, que Bismarck teve sérios problemas com os jesuítas, pois entendia que na pátria de Lutero, o luteranismo teria mais a contribuir para a unidade nacional do que o catolicismo. Considerando esta ideia da unidade nacional, após a unificação da Alemanha (1871), o sistema escolar recebeu um reforço do recém unificado estado.

No que diz respeito às escolas alemãs luteranas no Brasil, não é possível dizer que foram beneficiadas enquanto Bismarck exerceu o poder (até 1890). Na realidade pode-se afirmar que, após a queda de Bismarck, o Ministério de Relações Exteriores da Alemanha começou uma política mais “agressiva” de manutenção da germanidade no exterior. Representantes do Reino alemão começaram a visitar colônias alemãs no exterior e isto estava diretamente relacionado a interesses econômicos. Neste contexto, muitas escolas no Brasil passaram a receber subvenção em dinheiro, material didático e professores oriundos da Alemanha e, neste sentido, foram fundadas algumas organizações, com destaque ao *Allgemeiner Deutscher Schulverein*, órgão fundado com a função específica de apoiar escolas no exterior. Foi criado inclusive, um Fundo Escolar no Ministério de Relações Exteriores e no final do século XIX e início do XX, as escolas mais favorecidas foram as Santa Catarina.

Florianópolis, 31 de outubro de 2017